

Sábado, 3 de Janeiro de 1959

RUBEM BRAGA

DEPRESSA

E IS QUE de repente eu me sento diante da máquina e é o último dia do ano. Veio um pouco de surpresa, à traição; o tempo fluiu em silêncio, atrás da moita, agora só vejo a ponta da cauda dessa eterna serpente.

Ainda estou vagamente em outubro, creio; e as minhas metas? Não é só presidente que tem meta, eu também tenho; ou melhor, tive. Quais eram mesmo as metas de 1958? Bem, agora não vale mais a pena pensar nisso, e nem dá tempo de arrumar um programa para 1959. Haverá, certo, um amor para curar, outro para empreender; é necessário falar ao telefone circunspectamente, beber menos, comprar roupa branca, responder cartas. É preciso organizar as finanças, emitir menos papagaios e recolher os que esvoaçam: política de austeridade. E incentivemos a produção, façamos crônicas a granel para jornais e revistas desta praça e de outras. Tentemos o rádio, a televisão, o teatro, o circo, a telepatia e todos os demais meios de comunicação de massas; quem sabe será um grande negócio angariar assinaturas para um sistema de crônicas amorosas entregues a domicílio por pombos voadores, com cheques? Estão vendendo muita cesta de Natal pelo sistema de prestações ao contrário, isto é, primeiro o sujeito paga tudo de mês em mês, depois, quando chega dezembro, tem direito de receber a cesta; se não recebe, é outra história. Por que não vender livros assim, livros lindíssimos, com ilustrações maravilhosas feitas à mão, e o nome do comprador gravado em ouro; no próximo dezembro explicaremos que por motivo de falta de inspiração não foi possível fazer o livro, mas os que se inscreverem para o ano seguinte e forem pontuais em seus pagamentos terão direito a uma autêntica futura obra-prima. Ou então propor aos jornais que arranjem patrocinador para as crônicas tal como faz o rádio: Braga suspirará sob o patrocínio exclusivo do óleo de côco «Bacana», o que dará mais substância e sabor ao seu estilo.

São sonhos; o dia é de sonhar; é o último do ano; é preciso sonhar depressa; fecho a máquina, vou-me à rede, adeus, oh flôres.